

LIÇÃO 8: O PERIGO DA IDOLATRIA

TEXTO ÁUREO: *“Portai-vos de modo que não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus” (1 Co 10.32).*

LEITURA BÍBLICA: 1 CORÍNTIOS 10.1-14

INTRODUÇÃO

O apóstolo prossegue sua orientação a respeito das coisas sacrificadas aos ídolos. Depois de censurar a falta de amor dos coríntios e de propor-se a si mesmo como exemplo de renúncia de privilégios por amor aos mais fracos, ele agora faz um grave alerta contra a idolatria. E, trazendo à memória o exemplo de Israel, adverte a igreja para que não se envolva em nada que possa aborrecer ao Senhor e atrair a Sua ira, ou escandalizar a consciência de qualquer pessoa, seja crente ou incrédulo.

I – O EXEMPLO DE ISRAEL: UM ALERTA (VV. 1-14)

Com o propósito de despertar nos coríntios outra reflexão sobre o erro da sua prática em comer dos sacrifícios da idolatria indiscriminadamente, como se fosse algo indiferente, Paulo convida-os a considerar o exemplo de Israel. Em primeiro lugar, ele traça uma comparação entre o povo de Deus no passado e no presente, mostrando que, assim como nós, eles também foram altamente agraciados por Deus, e receberam grandes privilégios espirituais (vv. 1-4). Mas, mesmo assim, de nada lhes serviram todas essas bênçãos e favores divinos, pois “Deus não se agradou da maior parte deles” (v. 5). Ou seja, foram condenados a perambularem pelo deserto, e não puderam entrar na Terra Prometida. Mas, não sem razão: apesar de serem povo de Deus, haviam pecado gravemente contra o Senhor.

Então, assim como fez em relação aos seus privilégios, o apóstolo enumera também os seus pecados, pelos quais foram castigados e reprovados por Deus, e em cada caso considera a possibilidade de nós incorrerem no mesmo erro: “Não vos façais, pois, idólatras”, “não nos prostituamos”, “não tentemos a Cristo”, “não murmureis”. Pois o propósito aqui é mostrar que o caso de Israel foi registrado na Escritura justamente para servir de instrução à igreja de Cristo, pois, assim como eles, também podemos ser tentados a cobiçar “as coisas más, como eles cobiçaram” (v. 6). De fato, as Escrituras Sagradas, na plenitude dos seus exemplos instrutivos e orientações infalíveis, representam um privilégio peculiar que Deus, na Sua infinita misericórdia, providenciou para nós, “para quem já são chegados os fins dos séculos” (v. 11) e nos encontramos no limiar da história da salvação.

O que se conclui a partir desses fatos é que não podemos presumir nossa salvação simplesmente porque nos consideramos cristãos, ou porque fomos agraciados com favores, bênçãos ou dons. Por mais reconhecidos e gratos que todas estas coisas devam nos tornar para com Deus, precisamos ter cuidado com uma falsa segurança que nos leve a pensar que nenhum dos nossos atos ou pensamentos possa desagradá-lo. O que está de pé, ou assim se considera, precisa manter essa posição com muito cuidado e esforço, pois não só é possível, mas nossa condição humana tende a fazê-la perder (v. 12; cf. Mt 26.41). Ao mesmo tempo, o apóstolo nos lembra que nossas tentações não são diferentes das que o povo sofreu no deserto, portanto, podem ser superadas com o socorro de Deus (v. 13). Mas não sem uma atitude radical contra o pecado: “Fugi da idolatria” (v. 14; cf. 1 Jo 5.21).

II – A GRAVIDADE DO PECADO DA IDOLATRIA (10.15-22)

Retomando a questão no caso particular dos sacrifícios aos ídolos, Paulo apela para a pretensa sabedoria dos coríntios, os quais poderiam chegar facilmente ao entendimento do assunto. Bastava considerar que a ceia do Senhor, que era uma refeição da qual participavam todos os crentes, significava a comunhão deles tanto com o próprio Deus, como também uns com os outros, porque, participando do pão e do cálice, eles proclamavam ser participantes de um só e o do mesmo Cristo que morreu por todos. E isto não era estranho ao próprio Israel que, no passado, oferecia sacrifícios, no tabernáculo ou no templo, e celebrava sua comunhão com o Senhor comendo desses sacrifícios na Sua presença (v. 18).

Esse princípio é válido também no que diz respeito aos sacrifícios oferecidos aos ídolos. Não porque o ídolo seja alguma coisa, ou que o sacrificado ao ídolo se torne algo diferente do que era quando

comum (v. 19), pois isto eles sabiam perfeitamente bem – e o apóstolo não os contraria neste conhecimento – que o ídolo nada é (8.4). Mas aqui ele revela uma realidade que os coríntios não haviam percebido: que os sacrifícios que os gentios oferecem aos seus deuses são sacrifícios feitos a demônios, que são os verdadeiros responsáveis por manter os homens nas trevas da idolatria (12.2; cf. At 26.18; Dt 32.17). Os deuses assim chamados pelos homens nada são, mas Satanás e seus anjos são uma realidade que nenhum conhecedor das Escrituras pode negar.

Portanto, assim como comer da mesa do Senhor é ter comunhão com o Senhor, comer da mesa dos ídolos – que na verdade é a mesa dos demônios – é ter comunhão com os demônios, o que representa um terrível ato de apostasia por parte de um cristão. E ninguém desejaria correr o risco de se envolver em uma prática que certamente despertaria a ira do Senhor (v. 22).

III – O CUIDADO COM A CONSCIÊNCIA ALHEIA (10.23-33)

Nesta última seção, o apóstolo conclui o assunto, orientando os coríntios como deviam proceder em relação às carnes oriundas dos templos dos ídolos. *Não* deviam come-las, isto já estava bem esclarecido. Mas, e se fossem convidados para comer em casa de amigos ou familiares incrédulos, onde tais carnes eram frequentes à mesa? Ou se fossem ao açougue, onde as carnes à venda provinham tanto dos templos como dos matadouros? A orientação do apóstolo é não perguntar nada (v. 25), ou seja, não indagar sobre a procedência do alimento, mas comer tudo o que for oferecido, descansando sobre a verdade de que “a terra é do Senhor, e toda a sua plenitude” (v. 26) e em tudo dando graças (v. 30).

Por outro lado, se fossem informados de que o alimento procedia do templo dos ídolos, deviam agir de outro modo. Comer das coisas *sabidamente* dos sacrifícios idolátricos, mesmo não sendo no templo dos ídolos, escandaliza a consciência alheia. O irmão mais fraco pode ser levado a comer também e a contaminar-se (8.10-11); enquanto o incrédulo pode ver tal atitude como um ato de reverência do cristão pelo ídolo, negando sua confissão de que o ídolo nada é e de que somente o Senhor é Deus. Seria um desserviço, por parte desse crente, à causa do reino dos céus, um mau testemunho e uma profanação do santo chamado do evangelho.

Tudo o que o cristão faz deve visar à glória de Deus (v. 31) e evitar escândalos, não apenas perante outros cristãos, mas perante toda a sociedade (v. 32). E isto requer, de nossa parte, a renúncia de certas liberdades que a outros podem servir de tropeço, levando-os a pecar contra Deus e excluindo-os do reino de Deus. E, assim como Paulo, devemos envidar todos os esforços no sincero desejo de que muitos possam se salvar (v. 33).

CONCLUSÃO

Lembremos do que ocorreu a Israel por causa da sua presunção e, com temor e tremor, vigiemos para que permaneçamos de pé na presença do Senhor. Tenhamos cuidado com nossas práticas, para que não provoquemos a ira de Deus por um mau uso da nossa liberdade, e para que não escandalizemos os incrédulos, nem nossos irmãos, ferindo suas consciências e bloqueando o seu caminho para o reino dos céus.